

**MARCO PIRES**

X, Y, Z

**INAUGURAÇÃO SÁBADO 30 OUTUBRO 16H**

2 NOVEMBRO – 11 DEZEMBRO 2010

TERÇA - SÁBADO 15-20H

A Galeria Pedro Oliveira tem o prazer de apresentar X, Y, Z, a terceira exposição individual de Marco Pires na galeria. A fórmula presente no título sintetiza as coordenadas que estão na origem da concepção cartesiana de entendimento do espaço e as relações entre os seus objectos.

A exposição distribui-se pelas três salas, com trabalhos de séries distintas que o artista trabalha em simultâneo, e que são exibidas numa lógica que pretende criar relações em lugar de se apresentarem individualmente. Se num primeiro momento se criam correspondências com o espaço social e a sua relação com a arquitectura e geometria, assistimos na segunda sala à destruição de coordenadas que induz à deriva. Num terceiro momento, a par de uma série de desenhos, surge um trabalho com uma dimensão documental, ainda que ficcionada. É apresentada em formato de livro e fotografias.

O corpo de trabalho de Marco Pires e em particular no campo do desenho desenvolve-se segundo um movimento dialéctico de tese e anti-tese ou de afirmação-negação. Esta prática parte da utilização e recontextualização de documentos e imagens que o artista vai recolhendo para depois intervencionar, suspendendo os seus atributos científicos e introduzindo camadas de novas possibilidades e leituras, numa dimensão onde o erro, a hesitação e a deriva emergem. Esta recontextualização de elementos pré-existent encontra um paralelo na prática do *détournement* (desvio), que antes ainda de ser sistematizada e estudada nos textos da Internacional Situacionista tinha surgido décadas antes com o uso da *collage*, introduzida por Picasso no início do sec. XX e reutilizada pelos dadaístas e surrealistas misturando textos, pinturas e imagens de toda e qualquer proveniência numa tentativa de subversão dos valores estéticos burgueses da época. Não é esta obviamente a intenção de Marco Pires, até porque historicamente a prática do *détournement* como subversão evoluiu e acompanhou as revoluções sociais e artísticas, fundido-se na história da música com o *punk* e o *do-it-yourself*, acabando por ser absorvido pelo sistema capitalista que questionava.

O que é relevante para Marco Pires é a recuperação de um sistema lúdico que advém da possibilidade de desenvolver novos paradigmas baseados em relações e associações nos objectos e documentos de onde parte, negando e simultaneamente dando a ver de novo, criando novas leituras.

A série de desenhos de pequeno formato e as pinturas homogéneas de formas geométricas e monocromáticas sobre fotografias dão corpo a este estudo sobre o desvio. Os primeiros num registo tenso de linhas que relacionam elementos orgânicos e geométricos. As segundas, pinturas monocromáticas sobre fotografias apagam os documentos geográficos que permanecem por baixo.

Na segunda sala, em “3 Monocromos, da série O mapa de Bellman’s” encontramos no título uma referência directa a um conto de Lewis Carroll, “*The hunting of the Snark*” (A caça ao Snark) de 1876. O capitão que emprende esta caçada fornece à sua tripulação um mapa para auxiliar a condução da tarefa. Absurdamente este mapa apenas representa mar, ilustrando literalmente o vazio. Uma superfície uniforme, uma página em branco. Para Stefan Kanfer este poema existencial e absurdo representa a agonia da humanidade perante a ausência de coordenadas, que conduz à sua deriva. Esta busca fundamental para o homem, esconde o horror do seu falhanço.

A série de trabalhos intitulada “Topoi” é apresentada nesta exposição na forma de um livro contendo 14 fotografias a cores, duas delas impressas e em exibição na parede e na projecção de um diapositivo. “Topoi” é o plural de *topos*, expressão de origem grega que no início da década de 60 serviu a Alexander Grothendieck para definir um objecto matemático que auxilia a identificação de um lugar, suportado pela sua teoria de “*étale cohomology*”.

Segundo o artista esta série representa uma evolução no seu processo de trabalho. Até aqui pautado por modelos de pesquisa-investigação, trabalho de estúdio, entendido como laboratório que não lida directamente com os seus objectos de estudo. Esta série promove agora incursões directas, cuja materialização encontra na fotografia o meio mais privilegiado para o fazer. Este exercício prevê incursões pedológicas, psicogeográficas, ou ainda registos de estúdio. Podemos encontrar um objecto de design industrial, tipos de vegetação ou solo, estruturas de comunicação ou transporte, extracção de matéria prima, uma habitação ou um retrato, criando um atlas de imagens que constituem um índice do meio físico e social à semelhança das ilustrações científicas presentes nos antigos livros de geografia.

Marco Pires (1977) licenciou-se em 2001 em Artes Plásticas-Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, expondo regularmente desde então. A sua obra encontra-se representada nas colecções da Fundação PLMJ (Lisboa), Junta de Extremadura (Espanha), colecção Rios (Lisboa) ou colecção PCR (Lisboa), para além de outras colecções privadas em Portugal, Espanha, Holanda e França.